Texto 2 – Raquel Zandomeneghi

Combinaram de se encontrar. Quando ela chegou, ele já estava esperando. Perguntou onde estava o resto – elas não viriam junto?

Primeiro embrulho no estômago e tontura que se instaurou na caminhada. Agora pensava em tudo, mesmo tentando transparecer calma. Sequer sabia que deveria convidá-las, embora tenha evitado encontrá-las e ser obrigada a dividir o passeio. Primeiro porque já não se gostavam mais, mesmo depois de terem reatado a amizade. Segundo porque não queria dividir o pouco que sobrava para ela.

Não quer esperar por elas?

Hm, não sei. Não quero me atrasar, mas se tu quiser esperar mais um pouco, tudo bem, eu posso ir na frente.

Não, vamos indo.

Tentou caminhar rápido, ainda que sem muito sucesso, porque era lenta, característica que compartilhava com ele. Não queria arriscar encontrá-las. No entanto, tentava transparecer tranquilidade. Não conseguia, contudo, todos sabiam que tinha uma mente intranquila. Quanto mais tentava se esconder, mais se mostrava do avesso.

Conversavam sobre o de sempre. E como se nunca tivessem falado sobre aquilo, porque os assuntos, as frases, os objetos da conversa se repetiam. O que a irritava, porque aqueles assuntos não a agradavam. A única coisa que demonstrava já terem conversado sobre tudo aquilo era a tranquilidade de poder tocar em alguns assuntos e pensamentos íntimos, sabendo que poderiam compartilhá-los um com o outro. Ou um para a outra, porque na maioria das vezes era assim que a conversa se dava. Ele falando, ela ouvindo, tecendo alguns comentários, evitando se mostrar mais do que gostaria.

Vou ser direta sobre isso porque essa história é muito complicada para se apresentar naturalmente nessa narrativa, que será curta porque não tenho interesse em me demorar nela. Acontece que ele se envolveu com Juliana, ou, melhor, Juliana se envolveu com ele durante um verão. Juliana se apaixonou por ele e ele – que antes mesmo de conhecer Juliana, se interessava pela melhor amiga dela, Natália – nutria profunda amizade pela nova ficante. E não mais do que isso. Natália namorava, importante dizer, por isso ele não se atrevia a iniciar qualquer movimento naquela direção. Estava sempre por perto, contudo. Fez amizade com todas as amigas de Juliana, adentrando aquele grupo de amigas que se invejavam e puxaram o tapete umas das outras quando ninguém via. De fora, pareciam nutrir uma amizade bonita. Isso não o impediu de querer adentrar aquele grupo e movimentar as coisas.

A bem da verdade é que todo mundo sabia que ele queria mesmo era ter algo com Natália. Menos Juliana. Até mesmo Natália sabia, e isso fazia bem para seu ego, mas precisava fingir ser uma boa melhor amiga e namorada, então simulava não saber de nada, claro. O que provavelmente Natália não sabia é que na verdade com quem ele gostaria mesmo de ter algo era sua irmã, Brenda, por quem muitos de seus amigos também tinham uma queda. Mas Brenda era lésbica, então Natália, parecida com a irmã mas longe – em muitos sentidos, dos quais não elaborei – dela, era a forma encontrada por ele de chegar mais perto de se relacionar com Brenda.

Não me entenda mal, ele era muito afeiçoado por Natália. Mas Brenda era mais, estava acima. Natália, apesar de hétero, namorava. O que era um impeditivo, mas não tão grande assim para ele. Mas onde ela entra nessa história? Ainda chegarei lá. Uma coisa já adianto: ela não era Juliana, não era Natália e muito menos Brenda. Ela não era ninguém. Seu papel não era ser. Estava incubida de outras funções.

Enquanto caminhavam, encontraram o namorado de Natália, que não gostava dele e por isso atravessou a rua fingindo não os ver. Ela, por outro lado, estranhou não receber sequer um balanço de cabeça, um reconhecimento de que a vira. O namorado a viu, isso é certo, mas optou ignorá-la. Depois das desorganizações daquele grupo de amigas, mesmo após elas reatarem, ele não sentiu necessidade de abanar para uma (talvez ex?) amiga de sua namorada.

Atravessou a rua porque sabe que eu gosto da Natália e não me suporta, disse rindo.

Não sei o porquê de não ter sequer me dado oi.

Porque tu tá comigo. Ou sei lá, ele é louco, não se preocupa. Seguia sorrindo enquanto falava, um sorriso que beirava a despreocupação ou a ironia, dependendo do ponto de vista.

Já falavam de Natália antes mesmo do namorado ter aparecido, e seguiram falando dela depois do namorado ter atravessado a rua, mas o incômodo que a atravessava desde o início da conversa se intensificou após ser ignorada. Não gostava de cumprimentar conhecidos e sempre que podia, evitava. Não sabia porque aquilo a incomodou tanto.

Vocês tão se falando normal?

Mais ou menos. Depois do dia que a gente fez as pazes parece que tudo esfriou. Todas as nossas interações parecem meio forçadas. A gente se dá “oi” normal, mas não fica conversando nem nada. Acho que tá tudo bem.

Te falei que mandei mensagem pra Natália quando eu tava bêbado?

Não sabia como mudar de assunto, não queria falar sobre aquilo e muito menos se envolver ainda mais naquela história. Tinha pena de Juliana e inveja de Natália. Não de Natália em si, de quem ela já não nutria carinho há tempos e por quem não entendia como se interessavam tanto. Sua inveja era pelo interesse que ele nutria por Natália. Não queria aquela obsessão, contudo. Achava aquela dinâmica um tanto quanto doentia e não sabia mais como não ser a confidente daquela história que invocava nela sentimentos tão conflitantes.

Aham.

Ela respondeu e tudo, a gente ficou conversando de madrugada. Depois voltou com o namorado.

–

Tu acha que a Juliana sabe?

Acho que não.

É, eu também. Mas agora não tem muita diferença, porque a Natália voltou a namorar.

Não, ela pensou. Importava, sim. Naquele ano, quando ela estava bêbada, Natália a colocou contra a parede, o que a fez chorar, soluçar. Disse que sabia que ela era apaixonada por ele. “Todo mundo sabe, não tem problema em admitir. Não sei porque tu tá chorando, é só admitir”. Ela chorava, de forma desesperada, como quem abre um segredo mesmo sem querer, dizendo que não sabia porque Natália falava aquilo, ela já havia dito que não gostava, por que não parava de falar? Quando viu que estava chorando, ele foi falar com ela. Perguntou o que aconteceu, a acalmou. Ela foi embora. No próximo dia que Natália e ela se viram, não houve pedido de desculpas. Ambas fingiram que nada havia acontecido.

É claro que importava. Não era a primeira vez que Natália a colocava na parede com essa história, embora nas outras tivesse sido menos direta. Sempre tentava dizer que ela era uma péssima amiga de Juliana. Principalmente porque, quando estavam brigadas, Juliana a convidara para seu aniversário, mas ela não foi. Não foi porque se sentiria deslocada, excluída, argumentou, porque nenhuma daquelas pessoas falava mais com ela e ela dizia – embora chateada – que também não queria mais falar com aquelas pessoas. Contudo, tinha se sentido agradecida por Juliana – ao mesmo tempo em que estranhara, já que sequer se cumprimentavam quando se viam – a ter convidado. Mas seu orgulho de ir e se sentir uma estrangeira entre aquelas pessoas a convenceu a não ir. Optou, junto com outras amigas que não haviam sido convidadas, por ficar em sua casa. Acontece que ele apareceu. Junto com uns amigos, se ofereceu para dar uma passada na casa dela antes de ir para o aniversário de Juliana. Nunca foi ao aniversário, no entanto. Natália se enfureceu com a história. Mandou mensagens xingando-a de arrogante, péssima amiga. Além de não ter ido no aniversário de uma das melhores amigas, se atrevera a convidar a pessoa por quem Juliana era apaixonada.

Por que tu não entra na festa com a gente?

Ah, tô cansada. Quero ir direto pra casa. E também não quero ver a Débora, Marcela e companhia. Desde que as gurias viraram amigas delas, acho todas meio chatas. Combinei com a Babi e a Laura de ficar lá em casa vendo um filme. Talvez o Lucas e o Bruno também apareceram, não sei.

Tá bem. Eu acho que vai ser legal, queria que tu fosse. Faz tempo que a gente não vai numa festa juntos.

Por muito tempo esse tipo de frase ou comentário teria dado qualquer esperança à ela. De se sentir especial. Ao menos uma amiga especial, que fosse. Agora, o que acontecia com ela era um quase-sentimento. Ela quase sentia isso, mas não sentia, porque um milésimo de segundo antes de sentir já sabia que aquelas palavras não queriam dizer muita coisa; ao menos não o que ela queria que significasse. Diria isso para qualquer uma de suas amigas ou ficantes.

Pois é… Talvez na próxima eu vá.

E eu entendo que tu não goste das gurias… Elas são meio chatas mesmo. Mas no fim elas são legais. Quer dizer, mais ou menos, disse rindo.

Contigo, riu também. Tô um pouco cansada de todo mundo de lá. Elas tão sempre rindo de alguém.

Sim, mas eu tenho um pouco de pena. Aquele dia na casa da Marina… A Débora dançando e chorando bêbada por causa do Pedro. No fim ela é amiga ou não da Carol?

Acho que não. Mas não sei. Pra ser sincera, até aquele dia achava que elas eram amigas. Fiquei conversando no quarto com a Carol e descobri lá que a Débora sempre foi meio apaixonada pelo Pedro. Acho que a Carol nem se importa. Gosto muito dela, acho que é a única delas que eu realmente gosto, na verdade. E do Pedro, que todo mundo gosta.

Principalmente a Débora, disse rindo.

Principalmente a Débora, repetiu rindo, mas com um sorriso meio torto. Sentia que sempre acabava falando mal das pessoas perto dele.

O segundo e último encontro da caminhada foi com um conhecido, Matheus, que não importa quem é, porque não é relevante. O que importa é o que vem a seguir. Ele deu oi à Matheus, e Matheus deu oi à ele.

Droga, acho que o Matheus vai pensar que a gente tá ficando.

Uma espécie de vertigem tomava conta dela. Se sentia suja, feia, desajeitada. E já não o achava tão bonito e interessante quanto achava logo quando se conheceram. Parecia agora arrogante, prepotente e maldoso. Mas ainda tinha algo que a prendia nele. Seria orgulho?

Não viaja. Ele nem sabe quem eu sou.

Deve saber sim. E agora nos viu caminhando juntos. Tanto faz, terminou rindo como sempre.

A verdade é que recentemente ela passara a nutrir, em alguns momentos, até mesmo certo asco por ele. Queria ir embora, não queria nunca mais se envolver naquela sujeira, precisava correr. Todavia, seguia caminhando, feliz em perceber que já estava quase chegando no seu destino, mas triste por ter ouvido o que ouviu, por se separar dele, sabendo que ele se encontraria com outras.

Bom, tô indo.

Tá bem. Se quiser passar lá, me manda uma mensagem.

Tá bem. Tchau!

Tchau.

O que acontece depois disso é que alguns meses mais tarde ele e Natália ficam juntos, escondidos. Juliana fica sabendo mas finge não se importar, Natália brinca com ele e o troca pelo seu ex que vira atual com frequência, mais tarde o troca por outros, e ela permanece nas margens dessa história, assistindo ao jogo do lado de fora.